

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PRÓPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE DEZEMBRO DE 1917

ANO II—N.º 35

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADIANTADO
ANO..... 1400 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE . 450 | ANO..... 2450
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria)—TEL. 2337-C.—LISBOA

AS CAMARAS MUNICIPAES E A "REVISTA DE TURISMO,"

O alheamento com que os assumptos de maior vitalidade d'este Paiz são encarados pelos Poderes Publicos, não merece atualmente qualquer discussão; mas a tarefa que nos impuzemos ao publicar a «Revista de Turismo» obriga-nos a pôr em especial destaque a ação das Camaras Municipaes.

Todas ellas deveriam, como defensoras da sua propria integridade, divulgar as bezas com que a natureza dotou os seus dominios; incutir, por todas as formas possiveis e imaginaveis, o desenvolvimento da sua terra; interceder junto dos Governos para

que as suas estradas sejam boas, limpas e arborizadas, que, quem por ellas transite, as não ache incomodas; proteger todas as iniciativas justas que apareçam á luz d'esta Patria, para que Ella seja o que deve ser; enfim, não se abandonarem a si-propias, como acontece com a maioria dos Municipios do Paiz.

Está esta «Revista» naturalmente indicada para o réclame de Portugal, pela sua indole e titulo «Turismo», o que equivale a dizer, que é preciso trabalhar para que a nossa terra seja conhecida.

Não é, comtudo, para surprehender

que, lá fóra, ella seja ainda extranha, porque, infelizmente, nunca tomámos a sério a nossa propaganda no estrangeiro; mas que não só o nosso proprio paiz, como a «Revista do Turismo», sejam ainda ignoradas pelos proprios portuguezes, isso é do maior pasmo!

Mais é, ainda, para admirar que as Camaras Municipaes, directamente interessadas em auxiliar uma publicação unicamente destinada á propaganda, como a nossa, a tenham tratado como audaciosa pratica d'um idealismo utopico, fazendo relegar para o monte das coisas inviaveis as pretenções que lhes temos dirigido!

E' assombroso!

Camaras ha, todavia, que merecem excepção honrosa; mas essas são as que trabalham, que se dedicam conscienciosamente á administração que lhes está confiada; e reconhecendo criteriosamente a incontestavel utilidade da nossa modesta obra, imedia tarbente nos solicitaram assignaturas «de tão proveitosa publicação» —dizem ellas— e nos fizeram

COIMBRA—
VISTA GERA.

elogiosas referencias, chamando-nos «benemeritos». Outras ha, então, e bem mais ricas



no sólo e em finanças, que nem ao menos se dignaram responder-nos de officio, como tinham por obrigação fazer, e é o dever de quem é educado.

Entre estas, está a de Lisboa, que até hoje ainda não nos disse, ao menos — que não podia suportar a despesa anual de 1800 (um escudo), porque já tinha comprado para as suas salas um quadro — não queremos discutir o trabalho artístico de quem o pintou, mas sim o thema n'ele expendido — *O Fado* — que lhe exgotou toda a verba disponível. Como tudo isto dá vontade de... morrer de vergonha!

Então, uma publicação unica no genero em Portugal, como a nossa «Revista», é assim tratada com o desdém de quem se arroga a qualidade de pseudo superior!?!?

Nos Paizes estrangeiros, publicações do genero da nossa são acarinhadas com todas as atenções, vendo-se nelas um «caixeiro viajante» para a expansão das belezas naturaes e artificiaes, dispensando-lhes todas as facilidades, não só os governos, mas até toda a gente — quando esta é verdadeiramente amiga da sua terra, assignando-a, annunciando n'ela, para que, os que a lêem, saibam onde ha bons hotéis, as melhores aguas para as suas curas, conforto luxu e bem estar, porque quem viaja, exige todas essas cousas n'um grau de desenvolvimento agradável ao espirito mais exigente.

Em Portugal, nada d'isto se faz. Vota-se ao abandono quem trabalha, galardoando-se com *benesses* os que nada fazem; insulta-se com o desprezo aqueles que fazem do trabalho um sacerdocio, quando nem sequer se lembram que a historia de todos ha de ser julgada por quem de direito os ha de julgar — o tempo.

E' preciso que todas as Camaras do Paiz se compenrem que tem o dever indeclinavel de proteger a nossa «Revista», — não com a esmola de uma assignatura, mas, sim, com a obrigação moral e material que a todos é licito fazer, de lhe prestar todo o auxilio material, indicando-lhe os melhoramentos feitos nas suas terras, mostrando-lhe os seus beneficios, divulgando a sua historia antiga e moderna para que seja bem conhecida de todos, prestando emfim todo o possivel concurso para que o nosso auxilio lhes seja proveitoso.

Costará alguma cousa, pensar n'isto a valer, para que se saiba o que é bom saber?

— Parece-nos que não.

E se todos trabalharmos em comum, ajudando-nos mutuamente, não será bem melhor?

— Com certeza que sim.

A. L.

POSTOS DE INFORMAÇÕES

ESTÁ na ordem do dia este magno assumpto.

Partiu já para Paris o sr. Padua Franco, que ali vae montar o primeiro posto de informações no estrangeiro, e que deve abrir brevemente. Não seremos exagerados se augurarmos um exito complete na abertura da nova agencial internacional, onde o nosso Paiz terá a mais efectiva propaganda que se lhe pôde fazer.

Portugal é, como muita gente sabe, lá fora conhecido com a provincia de Hespanha, e por assim dizer um prolongamento do planalto de Castella.

E toda a gente, que vem ao nosso Paiz fica admirada com as nossas belezas naturaes e com os monumentos da nossa velha epocha historica, que estão ainda por corromper pela larva dos anos.

E' pois preciso que alguém lá fóra espalhe, anuncie a toda a gente, que aqui, sob este belo céu de Portugal, se abriga um paraíso sem par na Europa.

Muita gente é de opinião que essa propaganda só será efectiva e productiva quando cá possamos dispor de bons hotéis e de commodos e velozes comboios, em comunicação directa dos nossos pontos estrategicos de turismo com os grandes centros estrangeiros.

E' um grande erro pensar e julgar assim. Em Portugal — que se calem as pessimistas — ha já alguns hotéis que nos não envergonham. Ganhámos a lenda das camas duras e das mesas intragaveis, e ninguem ousa arriscar-se a uma viagem sem primeiro certificar-se da macieza das camas e da perfeição da cosinha. Temos aqui um livro escripto em 1908, por dois viajantes francezes, que intitularam, *Voyage en Portugal*, que com um bem burilado estylo fazem realçar as nossas riquezas em mananciaes turisticos, condenando ao mesmo tempo a lenda apavorada da rigidez dos leitos. Isto são dois estrangeiros que percorreram Portugal e n'ele se demoraram bastante tempo, levando as melhores impressões do que viram.

Isto foi ha 10 anos, e quantos hotéis se construíram de então para cá, e quantos se reformaram? Muitos. Não tantos como era preciso, mas em numero bastante elevado, atendendo a falta de iniciativa particular e official, que tanto se nota no nosso meio.

Em Vidago, no Porto, em Coimbra, em Lisboa e em quasi todas as thermas e praias, se construíram hotéis, sobre precitos modernos. E se não fosse esta malfadada guerra, outros se teriam construído, entre os quaes os do Estoril, que só esses dariam mo-

tivo a um grande passo para o desenvolvimento do turismo no nosso Paiz.

Estamos certos de que os caminhos de ferro, logo que a guerra termine, molhorarão os seus serviços, ao ponto de oferecerem aos viajantes melhores comodidades do que as que existiam em julho de 1914.

E' pois preciso que o *Bureau de renseignements* em Paris, tomando o seu papel a serio, como é desejo do seu Director, faça uma intensa e bem orientada propaganda do nosso Paiz, e facilite aos viajantes tudo o que for possivel para a sua vinda a Portugal. Largo é o papel da nova agencial, e de outras que se hão de montar successivamente, em outras capitales, e o d'esta talvez o principal, é a venda de bilhetes directos para a America do sul atravez de Portugal, com serviço directo de bagagens, sem aberturas nas fronteiras, e de forma a que o viajante, entregando-a ao *Bureau* em Paris, a volte só a ver no camarote do vapor em que deseje viajar.

Um dos maiores obstaculos para a viagem por caminho de ferro de Lisboa a Paris, do viajante sul-americano, é a maçada da abertura da sua bagagem nas fronteiras nos caes de embarque, e o transporte ás costas de carrejões da estação para o hotel, do hotel para a estação.

Estamos informados de que outras agencias como a que vae abrir em Paris, serão abertas em Londres, Rio de Janeiro e Buenos-Ayres, e quando isso seja um facto, não deve haver recefos da vinda de estrangeiros a Portugal.

NOVOS HOTÉIS

ESTÁ formada no Porto uma companhia com o capital de 1:000 contos para a construeção e exploração de hotéis modernos, constando-nos estar já resolvido fazer-se um hotel no Porto, na nova avenida da Liberdade, outro no Bom Jesus, e outro em Melgaço.

Os novos hotéis serão do typo do Metropole de Lisboa, queremos dizer, confortaveis sem luxo, e são como este o era, destinado aos *comi-voyageurs*.

Da nova empresa faz parte o sr. José d'Oliveira Basto, pessoa autorizada em materia de hotéis, e mais nos consta que é desejo dos seus organisadores elevar o capital a 1:500 contos, e fazer entrar para a mesma empresa o Grande Hotel do Porto.

O TURISMO EM PORTUGAL

ECOS DO VERÃO

A guerra, esse monstro insaciável que tem semeado o luto e a dor onde a terra bem-dita concebia o pão nosso de cada dia; essa onda que tem devastado, com furiosa insânia, as casas e os campos, os lares e os corações... nem tudo tem perdido, nem tudo tem feito perder.

Por entre os escombros d'este desmoronamento, erguer-se-ha, depois, como das suas próprias cinzas a Phoenix resurgiu, uma nova féria de felicidade, de trabalho d'outra mais digna luta.

Então, os povos, entrarão n'uma intensa actividade, para disfructar o bem estar que lhes atenuará a saudade dos entes queridos agora eliminados pela voragem insaciável dos caprichos humanos, e os mesmos caprichos, orientados em direcções diferentes, proporcionar-lhes-hão o esquecimento d'esta era de amarguras, de fundas amarguras, cujo sabor por muito tempo ha de, comtudo, entristecer o semblante da humanidade; porque todos—todos sem distincção, ficarão sentindo os efeitos d'esta calamidade que ora incendia a velha Europa, e quasi todo o Mundo. Nas desgraças ha, sempre, o quer que seja de início para uma seguinte felicidade. No gelamento do nosso desconsolo, na impavidez da nossa tristeza, encontramos ainda uma chama de vida que, embora amortecida ou quasi a apagar-se, se atea ao primeiro movimento de energia, de reacção, da decisão estoica que é o ponto de partida de novas lutas, que anima aos maiores empreendimentos, que, muitas vezes, caracteriza uma ousadia ou uma tenacidade inaceitáveis em momentos de ponderação.

«Do mal nem sempre fica só o mal e... à *quelque chose malheur est bon.*»

Assim é que, apesar de todas as calamidades que a conflagração europeia nos tem infligido, não obstante esta dureza de vida que, a alguns, ela tem feito dolorosamente experimentar, um grande beneficio poderemos, talvez, ganhar da critica situação que vimos atravessando, se as suas causas forem intellegentemente aproveitadas.

Esse será, certamente, dos maiores que o nosso Paiz ficará gozando depois de assinada a paz, porque se influenciará nitidamente no progresso e na vida economica de Portugal. Para isso, uma só coisa é precisa: criterio. E' sob a dominação d'este sen-

timento que, na sua applicação pratica, everá exercer o papel principal—que a nossa Patria poderá um dia triumphar no progresso da sua vitalidade, em todas as suas manifestações.

Sem criterio, o mesmo é que vivermos sem um fim intencionado: é atender-se á nossa propria conservação pelos expedientes que a oportunidade nos proporciona; é manter-se uma vida superficial pelas exigencias d'ocasião; é, enfim, desordenar toda a nossa acção, lutando improficuamente até o breve estiolamento de forças, que se gastam em excesso pela confusão de idéas, que se consomem demasiadamente n'um trabalho de pouco proveitosos resultados.

Ora, é precisamente a falta de criterio o que se tem feito sentir n'este paiz, com pasmosa insistencia; não sendo, pois, muito para admirar, que essa falta tenha atuado desfavoravelmente na impressão colhida, na generalidade, pelos que puderam gozar a estação calmosa e a epocha thermal e banear nas diferentes estancias portuquezas.

Todos lamentaram que, salvo algumas excepções, os mais directamente beneficiados em conservar dentro do nosso paiz os proprios portuguezes habituados a deslocarem-se por gozo ou carencia de tratamento, não se tivessem aproveitado melhor das circunstancias atuais para lhes mostrar que não ha necessidade de se recorrer ao estrangeiro para qualquer tratamento physico, nem de se procurar la fóra a cura para qualquer afeição moral; pois tudo isso se poderia facilmente encontrar aqui, dentro da nossa propria casa, se o espirito de governar, de comercialisar e de industrialisar fosse o que deveria ser, segundo o nosso modo de vida, o nosso temperamento, as nossas exigencias e os nossos costumes.

Se bem que, infelizmente, constatemos, a cada passo, a existencia d'esse grande mal, que tem sido dos mais prejudiciaes resultados para todos nós, o certo é que, por motivo da guerra, os portuguezes acostumados a viajar ou necessitados de cura therapeuticas, tem conhecido, as belezas e as excelencias da sua patria, que não sabiam tão fertil e rica; o que, sem duvida, os levava a dizer—que tudo aqui era mau, e que, por isso, davam a preferencia ao estrangeiro.

Felizmente que se desfez a ignorancia, e isso representa já um grande beneficio.

Serviu-nos, pois, a guerra para ensinar alguma coisa proveitosa aos portuguezes, na sua propria patria; e não obstante a impressão colhida em algumas estancias ser-lhes pouco favoravel, sobre a forma de atrainir e captivar os visitantes, em outras, porem, as facilidades e comodidades proporcionadas por uma maneira geral deixaram em todos as melhores e mais agradaveis recordações. E estes, tendo facilmente no seu paiz o que no estrangeiro lhe imporia certas dificuldades e sacrificios sem uma apreciavel compensação não pensam em ir lá fóra, contentando-se—e muito bem—com o que aqui tem e que não é inferior ao estrangeiro.

Assim, pois, se estabelecerá uma corrente para as themas ou praias onde se encontraram bem, porque o melhor réclame é o que é feito pelo publico. Assim, também, se tomará mais facil aos interessados nas diferentes empresas desenvolverem uma maior actividade nos progressos e beneficios moraes e materiaes, para que o entusiasmo manifestado se accentue de ano para ano.

E se tal succeder sob a dominação imperiosa d'um sã criterio, de forma a estimular outras empresas ou a crear incentivos para novas praticas, poderemos dizer que esse grande beneficio será dos poucos que nos terá legado a luta mundial, quando ella terminar...

J. L.

Os passeios da Praça do Comercio

ATÉ que em fim vão ser concluidos os passeios da Praça do Comercio, ha mais de dois anos em estado de pavoroso desmazelo.

O piso da arcada era uma vergonha, até ha dois ou tres anos, ocasião em que foi novamente lageado, ficando um trabalho perfeito.

Porem os passeios exteriores, com o calcetamento todo esburacado permaneciam em vergonhoso abandono. Agora estão sendo calcetados de novo levando um friso de pedra, na extremidade, completamente novo.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.

DE VIAGEM...

EM COIMBRA

NOTAS SOBRE O JOELHO

O QUE COIMBRA É...

COIMBRA, apesar da sua alegria, de ser uma terra sempre moça, dorme n'uma funda tristeza, e cada vez que tenho a felicidade de me abrigar sob o seu céu de sonho e fantasia, mais a julgo coberta de uma sombra melancólica. Não pensem, porém, os leitores que alguma tricana, de olhos seductores, me traíu na vida os pensamentos.

Não, bem ao contrario. O seu olhar faiscante e meigo traz-me doces sonhos, que se evaporaram na minha alma de serrano civilisado. Mas

bra, só com a sua Estação velha, que bem podia ter sido desviada uns duzentos metros para a cidade, e todo esse terreno pantanoso, que produz pessima ortaliga, e que vae da Esta-



O QUE NÃO TEM REMEDIO

Mas isto de caminhos de ferro, não é coisa fácil de modificar, e era preciso agora uma força herculea que fizesse mudar

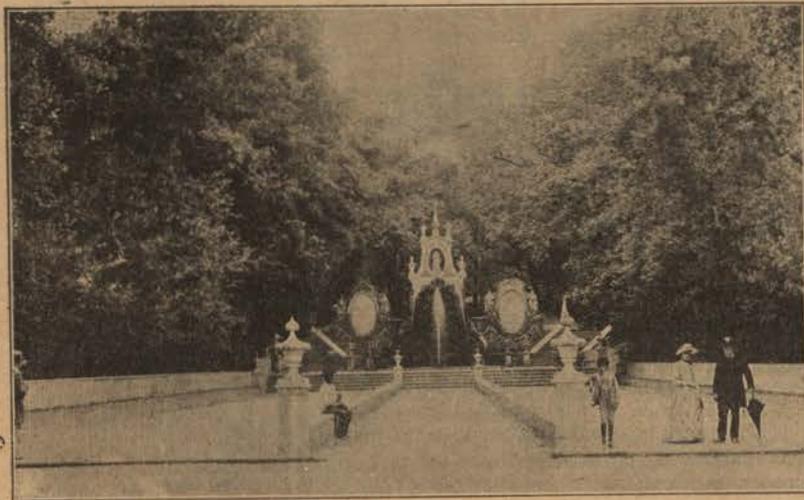
os carris, se bem que não era coisa impossível.

Mas vamos lá sonhar um pouco, pois ás vezes dos sonhos nasce uma tão grande realidade, que mesmo acordados, ainda nos parece estar sonhando.

Como disse, a estação nova é uma coisa que, no meu *fraco* entender se chama uma bota, e, ao mesmo tempo, um dique formidavel que não deixa desenvolver, para baixo a cidade.

Pois bem: a Camara de Coimbra, detem em Portugal o *record* da boa e sadia administração. Ela é dona dos

carros electricos, das aguas, da luz, e d'uma grande força de vontade. Seja tambem, iniciadora de uma radical transformação. Exproprie até á estação velha, os terrenos que dão nabíças, rasgue ali largas ruas e avenidas, es-



COIMBRA -
Parque de Santa Cruz

é que Coimbra, com o seu lendario choupal, com a sua Universidade encarrapitada no casario antigo, com a sua igreja de Santa Cruz, e com a Sé velha, representa um conjunto de coisas belas, que eram dignas de melhor sorte.

O caminho de ferro passou cá de longe, entre o fresco arvoredado do Choupal; e, em face de tão grande erro, quiseram depois dar-lhe remedio, levando o comboio até ao coração da cidade por um ramaleco que foi transformar todo o progresso de Coimbra.

...O QUE PODIA SER

Imagine-se agora o que seria Coim-

ção velha, rasgado por ruas largas e modernas com edificios lindos e alegres a espelhar-se nas inquietas

aguas do Mondego.

Pouco a pouco a velha ci-

COIMBRA -
Vista da cidade
tirada dos arredores



tenda a Avenida Navarro e agarre na linha da Louzã, e faça-a passar para a outra margem do Mondego, e vai ver como transforma Coimbra na mais bela cidade de Portugal.

A Oeste da estação, conserve com

UM DIA EM COIMBRA

Mas Coimbra progride. Nada menos de trez magníficos hotéis enfileiram as suas fachadas para a Avenida Navarro, n'um aspecto de grandeza.



COIMBRA — Palácio da Universidade

religioso cuidado o Choupal, fazendo-o murar, e dote-o de bancos e outros melhoramentos precisos, e chame-lhe depois o parque do Choupal. Do outeiro superior á estação velha, faça descer uns pasadões de terra para elevar

Um grande café-casino ali vai ser construído; outros melhoramentos vão em breve transformar a Lusa-Atenas. Depois nota-se em tudo em certo ar de progresso, desde os carros electri-



COIMBRA — Palácio dos Bispos

o terreno nabiceiro, algo pantanoso circunvisinho da rua da Sofia.

Depois — estamos já a ver os protestos — a linha ferrea não é preciso que vá até ao largo das Ameias, bastará que a linha electrica se intensifique por toda a parte desde Coimbra-B, que seria a unica estação da cidade.

Abi fica a ideia. Aceitem-na, que é de boa mente.

cos que circulam a meu do, o excelente edificio do correio, que demonstra com a amplitude da sua instalação, um certo desafogo, que não é vulgar.

Ainda ha pouco — apenas 4 hotéis, alguns bem modestos, — era tudo o que Coimbra oferecia aos visitantes, mas esse numero elevou-se rapidamente

a mais do dobro, sendo alguns de primeira ordem.

ENTRE ESTUDANTES

Desta vez, amigos velhos, mas estudantes novos, não me deixaram ir para o hotel novo, como é meu costume, para tudo conhecer.

Fizeram-me instalar na sua *republica*, partilhar da sua alegria e da tradicional vida coimbrã.

Os leitores não sabem o que é uma *republica*? Sabem, ora se sabem. Mas eu conto para aqueles que nunca lá entraram.

É uma casa modesta, onde se abrigam fraternalmente muitos estudantes; os moveis, de cada quarto, pouco mais são que uma cama estreita, com a roupa a rescender áquele sadio bragal da familia distante. Cadeiras, mesas, estantes, são feitas de velhos caixotes, em que veio o concheço da lavra familiar.

No quarto que me ofereceram, — onde eu pernoitei com delicia, e que era vasto — podia lá dar-se um baile. Ao centro a cama, no fundo roto de uma cadeira empinava-se, sobre brancos outeiros de estearina derretida, uma vela, d'onde vinha até mim uma luz bendita para fazer a minha leitura nocturna. A um canto, um veterano lavatorio, de ferro corcomido, dava descanso a uma bacia clara e estreita; como espelho havia só o ultimo caco de vidro a um canto da moldura já velha.

Duas arcas de pinho, a outro canto, faziam de comoda e de sofá. Uma mesa tosca, empilhada de livros, completava o mobiliario do meu aposento de hospede.

N'um outro quarto, estendia-se um sofá de palha de esteira, novo e macio, comprado ha dias por quatro mil reis, por um dos meus obséquiaadores amigos; mas tal movel escandalisou a academia, sendo o seu dono acoimado de gastador, de snob, e creio que até de vilão. E esteve condenado, para seu castigo, a ve-lo precipitar da janela á rua. Mas ficou na promessa, de quando a alguns d'elles tardasse o vale do correio, fosse posto o movel no prego, para uma ceia.

Presumo que em Coimbra haja estudantes, cuja instalação caseira seja toda estofos e alcatifas; mas dentro d'essas casas deve reinar uma severidade de ideias e de costumes muito enfastiada e muito snob.

O JANTAR DOS ESTUDANTES

Ali é que não ha economias. Em Coimbra não se escolhe casa, mas disputa-se a servente. Uma boa criada, que saiba fazer bons piteus, vale ouro.

E a da republica que me hospedava era tal que, ante tão opulento e bem fumegante jantar eu senti-me transportado ás grandes orgias culinarias dos ceifadores.

Mas o jantar de estudantes nunca tem fim; depois de todos se sentirem plenos, a piada entra nos domínios da cavaqueira, e só quando a noite derama aqueles lençoes de luar, de que

nos fala Antero, sobre os altos arvores do Choupal, é que todos os estudantes sabem, e então as guitarras elevam á lua, que mira o Mondego n'uma adoração de noiva, o seu languido trinado, tão doce, tão arrebatador que parecem orações divinas comovendo n'uma doce fé.

João da Ega

FEDERAÇÃO HOTELEIRA

ENTREVISTA COM O SR. JOSÉ D'OLIVEIRA BASTO

TENDO o Sr. José d'Oliveira Basto proprietário do Grande Hotel do Porto, apresentado no congresso Hoteleiro o alvitre da federação dos hotéis, e estando nós no Porto resolvemos ouvir a sua opinião sobre federação hoteleira.

—Isso é assumpto que precisa ser muito estudado, disse-nos aquele sr. — e não é de surpresa que lhe posso responder; mas se m'o permite, dir-lhe-hei que a federação, para dar os resultados a que se propoz o Congresso Hoteleiro, como é a necessidade de construir novos hotéis e melhorar os que existem, só poderá ter resultados praticos desde que, por lei, obriguem todos os actuaes hotéis a federarem-se n'uma só empresa, obrigando esta a construir novos hotéis nas condições e localidades indicadas pela Repartição de Turismo.

—Isso seria então um sindicato ou *trust*, não é verdade?

—Sim, seria mais ou menos nas condições da Companhia dos Tabacos, com a diferença de que esta foi obrigada a dar ao Estado uma avultada renda annual por explorar uma industria que não é de primeira necessidade, comquanto que a que se projecta, ainda precisaria de ser subsidiada pelo Estado ou por ele muito auxiliada, visto que a sua exploração é julgada de primeira necessidade e muito contribue — e mais devera contribuir no futuro, na vida economica da Nação, desde que o turismo encontre no nosso Paiz as comodidades precisas depois da época que atravessamos.

—Mas há forma de obrigar os actuaes proprietarios a entrar na federação?

—Não se deve obrigar nem prejudicar hinguem.

O regulamento deve acautelar os interesses criados, mas tambem não se deve deixar de fazer uma boa obra, por causa, ás vezes, do capricho de algumas pessoas que, habituadaes como estão ao retrocesso, não

se adaptam facilmente ás necessidades presentes.

—Então considera uma boa obra o haver uma só empresa que explore os hotéis actuaes e os que é preciso construir?

—Só assim poderemos vir a possuir bons hotéis e o bom serviço hoteleiro, porque o que existe actualmente é pouco e em más condições, e amanhã poderá haver mais e peor.

E' preciso que todos se convençam que para haver bons serviços e perfeições, é preciso tirar-se qualquer resultado do capital e do trabalho. Mas eu advinho as suas duvidas, pensa que feita a federação, esta poderá fazer os preços que entender, visto não haver concorrência, mas o regulamento tudo deve prever. Ao mesmo tempo que deve impôr a obrigação de construir novos hotéis e melhorar os que existem, deve tambem formular uma tabela de preços.

—Então os hotéis que existem existem não auferem lucros?

—Ha-os que os tem tido, mas ha outros em estado decadente, devido em parte ao estado actual dos mercados, falta de hospedes e de bons serviços etc.

—Mas feita a federação, essa desigualdade deve subsistir?

—Era de esperar, mas n'esse caso os prejuizos d'uns serão cobertos pelos outros; e crear-se-hão escolas practicas para empregados e serviços, devendo haver uma no sul e outra no norte do Paiz, concorrendo tambem para se modificar os costumes de alguns frequentadores de hotéis, que muitas vezes contribuem para que o serviço não se faça em boas condições, não se satisfazendo senão a damnificarem os moveis do hotel. Tudo isto é preciso remediar, e remediar-se-ha, o que é preciso é que todos queiram.

—Que nos diz á já velha ideia de não deixar as hospedarias usar o titulo de Hotel.

—Isso já devia estar feito, pois a liberdade de se pôr a uma hospedaria ou estalagem o nome de Hotel, tem concorrido para o descrédito dos bons hotéis. Veja em Hespanha. Por meio de uma contribuição que os hotéis pagam, só eles tem esse titulo, dando-se aos outros o modesto nome de *Fonda, Casa de Viagers, Pousada* etc.

Entre nós a classica liberdade de cada um fazer o que quer, tem dado logar a que simples hospedarias tenham o nome de hotel; modestos hotéis, tomem a título de Grande Hotel, tendo ás vezes menos de 20 quartos; e, ainda, á sombra do Vidago Palace, do Avenida Palace, se apelidam hotéis que tem tanto de *palaços* como uma choupana de moradia de gente civilizada.

O sr. Oliveira Basto fala-nos ainda de alguns hotéis que se vão construir na Porto e no Norte, e que a federação como ele deseja a realisar-se era dar grande incremento á construção de outros.

G. M.

Sociedade Propaganda de Portugal

PAVILHÃO DA SERRA DA ESTRELA

ENCONTRAM-SE já muito adelantados os trabalhos no Pavilhão que a Sociedade Propaganda de Portugal resolveu construir na Serra da Estrela, para ser utilizado nas excursões que ali realizem os seus socios.

Para isso muito tem contribuido os esforços dos Srs. Cunha Matos e Dr. Rompana, dois dos mais entusiastas alpinistas portugueses.

Aquella construção é feita segundo os mais modernos processos de hygiene e conforto, obedecendo a um criterioso projeto que foi aprovado pelas instancias competentes.

PREENCHIMENTO D'UMA VAGA

Na vaga deixada pelo Sr. Padua Franco, que foi encarregado de instalar e dirigir o novo posto de informações que acaba de ser creado, em Paris, por esta benemerita Sociedade, assumiu o logar de vogal da Commissão Executiva da mesma Sociedade, o socio Sr. Gregorio Gomes.

DELEGAÇÃO EM VILA DO CONDE

No proximo dia 9 do corrente instala-se em Vila do Conde, a delegação da Sociedade de Propaganda; devendo esse acto revestir-se do caracter d'uma solemnidade official.

Por parte da Propaganda assistirão os srs. Gregorio Gomes e Roldan y Pego.

UM TRIANGULO DE TURISMO

DO ENTRONCAMENTO A THOMAR DE THOMAR A ABRANTES

Com a transcrição que a seguir fazemos, completamos a narrativa da interessante viagem feita pelo nosso ilustre assinante e socio da Propaganda de Portugal, Sr. Dr. Solano d'Abreu, e que foi inserta no nosso colega «Jornal de Abrantes».

Antiga vila de Abrantes, hoje cidade, amontoou-se primeiramente em volta do seu castelo e estendeu-se depois a partir d'uma rua, que ainda hoje se chama Nova, exactamente por ser a mais velha. Alargou-se até um circuito de muralhas, que lhe fortaleceu os limites de praça de guerra de primeira ordem. Ainda hoje se veem restos d'essa cintura protectora, que os aperfeiçoamentos da arte da guerra tornaram inutil e deixaram por isso desmantelar. D'esse aperto lhe veio o primitivo defeito de construção, bem patente no amontoado das casas, na estreiteza das ruas, no acanhamento dos largos, na falta absoluta d'um espaço para modernos edificios de primeira necessidade, ou recreio. Hoje, que d'essas muralhas apenas restam vestígios, ainda podia estender-se outros muros, não menos fortes, como são os do preconceito, da rotina, da velharia, não metessem medo, não chegassem a horrorisar, a lembrança, ou iniciativa d'uma construção fóra da linha, que, ainda não ha muitos anos, só dava passagem quando, depois do toque de alvorada, os pessos portões se abriam, gemendo nos gonzos. A' entrada da cidade, um pouco adiante da praça de touros, logo se veem restos d'essas muralhas desmoronadas, cheias de brechas na sua fortaleza arruinada, nos seus contrafortes quasi arrasados, nas suas ameias pouco menos que desfeitas.

Ficam-nos á direita, em volta do campo onde se realisa o mercado mensal de gados e onde outr'ora se erguiam os conventos de S. Francisco e de Santo Antonio. Para a esquerda os olhos embehem-se num vasto horizonte, gosando já um dos coloridos panoramas, que tornam Abrantes muito recomendavel a excursões de turismo.

As vistas de Abrantes são, na verdade—e sem favor, das mais interessantes e pitorescas curiosidades do nosso País. São dignas de se verem, mesmo á custa d'um incomodo de viagem, quanto mais na inclusão do delicioso passeio, que se faz per-

correndo esse triangulo, que tem por vertices — Entroncamento, Tomar e Abrantes. Poucos passos andados na primeira rua, deparámos com um recinto ajardinado, e, ao meio, em bronze, o busto do actor Taborda sobre um pedestal onde se veem os emblemas da comedia na base d'uma columna, artisticamente enlaçada por um pano caído, que se perde nos blocos da pedra. Ha em todo o monumento uma revelação de arte, que se mostra á primeira vista. Não nos surpreendeu, por isso, a citação do nome do autor de todo esse trabalho — Costa Mota, sobrinho.

Taborda era natural de Abrantes, e os seus conterraneos honraram-se dignificando-lhe a memoria na perpetuação d'essa homenagem: o seu busto em frente do teatro. Cruzam-se por toda a parte, numa grande rede, os fios conductores da luz electrica, dándonos a immediata impressão de que estamos em terra servida por modernos sistemas de civilização. Encontra-se agua em todos os largos e praças por onde vamos passando, correndo de marcos fontenários por largas torneiras. Bem podiam essas fontes ter um cunho de gosto e arte, que as tornassem interessantes e apraziveis, se em Portugal houvesse um *savoir faire*, umas faculdades especiaes para o turismo, que só no papel encontra condições de atração. Olhem as fontes de Berne, na Suissa, nesse país encantador para o visitante!

E seria tão facil transformar aqueles marcos anões, com dois braços manetas, n'umas fontes elegantes, terminadas por grandes taças floridas e as bicas em baixo, saindo da columna, que suportasse a *corbeille*, substituída n'outros por figuras allegoricas!

Almoçamos e saindo depois n'uma volta pela cidade notámos-lhe o amontoamento das edificações pelo motivo exposto no principio d'este relato, quando fizemos ao leitor a apresentação da terra em que iam entrar. N'esse passeio visitámos a historica igreja de S. João, edificada no local, onde D. João I montou a cavallo para seguir para a batalha de Aljubarrota, facto a que a Lusíada se refere nos versos:

«Com toda esta lustrosa companhia»
«Joanne forte sae da fresca Abrantes»

Proximo vimos sobre a porta principal da igreja da Misericórdia um

quadro notavel em pedra, estilo renascença. Adiante abre-se um largo onde estão instaladas, em edificação moderna, as repartições publicas, dando á direita a um quartel de infantaria.

Das janelas de qualquer d'esses edificios desfructam-se já belos panoramas, que são apenas trechos do principal, do vastissimo horizonte, que se contempla do castelo. Para ahí nos dirigimos, passando ainda pela praça dos paços do concelho, instalados n'uma construção de estilo filipino. A um interessante escudo de armas nacionaes, que bem caterisava aquele estilo, mutilaram-lhe grosseiramente, ignorantemente, a corôa. Como se as instituições vigentes ganhassem alguma coisa com isso!

Não só não ganharam, mas perderam nesse documento comprovativo da ignorancia de quem mandou praticar tal vandalismo historico.

D'ahí a pouco tempo subiamos ao castelo, chamados pelo principal atractivo que nos trouxe a Abrantes e que, na verdade, é digno de ser inscripto e recomendado pelos roteiros do turismo oficial em terras portuguezas. Ainda ha pouco tempo o afirmámos aos senhores doutores Magalhães Lima e Athayde, que percorriam em missão do turismo nacional as termas e estancias de aguas do norte do país. Um elevadissimo monte avançou na direcção do Tejo e ahí se deteve como se garridamente quizesse ter ficado a mirar-se nas aguas do rio. Pois foi n'essa ponta de terra elevada e comprida, que os tubucianas edificaram Abrantes. E foi na parte mais elevada de Abrantes, que o romano Decio Bruto construiu um castelo, como resa a cronica inscrita em marmore á entrada d'essa fortaleza. Subindo-lhe a torre de menagem, alcançamos o ponto culminante e sentimos ultrapassar toda a nossa expectativa no goso da nossa vista.

Os nossos olhos instintivamente se abrem mais, parecendo-lhes que maiores deviam ser, que mais rasgados deviam estar, para desarmados poderiam empolgar o vastissimo horizonte de que não atingem os limites. Para todos os lados que nos voltemos, encontramos o mesmo riquissimo panorama! E não é uma paisagem monotona, banal, que nos cerca, que se alarga em toda a nossa volta. Essa larguissima paisagem tem intensidade de coloridos, tem som, tem vida nos seus variadissimos aspectos. Culturas, vinhas, prados, olivedos, pinheiraes, dão-lhe toda a gama das cores; vilas, aldeias, povoados, casas de quintas, fabricas, linhas, pontes estações do caminho de ferro dão-lhe vida movimentada, ruidosa; o Tejo e rios,

rios e ribeiras confluentes, refrescam-na poeiriça a nota pitoresca da água entre compridos renques de salgueiros, entre extensos massiços de verdura. Não ha outra no país que junte assim a vastidão de todos os lados a variedade dos assuntos e a beleza dos aspectos. Olhando para dentro da cidade, colhemos a impressão agradabilíssima da cultura da laranjeira, em muitos quintaes. E' uma característica interessante da nossa flora. A esta hora já as pobres laranjeiras de Versailles tem recolhido, nas suas caixas rodadas, para os abrigos envidraçados onde passam o inverno. Na igreja do castelo vemos uns tumulos de riquíssimo rendilhado de pedra e uns restos de azulejos arabes. Ficámos admirados de não encontrar em Abrantes um museu onde estivessem guardadas as preciosidades que deviam existir nos antigos e numerosos conventos desta cidade, como foram os de

Santo António, S. Francisco, S. Domingos, Esperança, Graça etc.

Nada resta, de nada se sabe. Mas a principal riqueza, o principal atractivo para o turista lá está nas vistas surpreendentes do castelo. Essas é que não se prejudicam com o tempo e antes cada vez mais se enriquecem com desbravamentos de terrenos, com esmaltes de novas culturas, com o surgimento de novas industrias, com a edificação de mais casas e alargamento de maiores povoações.

E por isso mesmo Abrantes cada vez será mais digna da consagração que aqui lhe fazemos, de interessante e curioso elemento para o turismo portuguez.

A gente é afável, obsequiadora, de fino trato. E tudo isto concorreu para regressarmos ao Entroncamento com o animo repassado d'aquella saudosa satisfação que, n'um paradoxo, torna agradável a pena e molesto o prazer...

CONSELHO DE TURISMO

RESOLUÇÕES TOMADAS NA ULTIMA REUNIÃO

COM a presidencia do sr. General Joaquim José Machado, realizou-se, no passado dia 3, a reunião do Conselho de Turismo, tendo assistido os vogaes: srs. Henrique Lopes de Mendonça, Engenheiro Manuel Roldán y Pego, Arquitecto M. Ventura Terra, Tavares de Mello e o Director da Repartição de Turismo, sr. Dr. José d'Athayde.

O Conselho tratou do diverso expediente que lhe estava endereçado, passando depois a apreciar os assumptos dependentes do seu voto e que foram os seguintes:

CASTELOS DE PORTUGAL

O jury encarregado de examinar as monographias sobre «Castelos de Portugal» apresentou o resultado dos seus trabalhos; tendo-se, em seguida, procedido á sua classificação.

Obteve o primeiro premio, 150 escudos a obra que tinha por divisa «Municípios de Portugal: conservai vossos castellos para os verem muitos excursionistas — visitai vossas terras», que se verificou ser da autoria do antigo official da armada e lente da Escola Naval, sr. Vicente d'Almeida d'Eça.

Coube o segundo lugar, pelos seus muitos merecimentos, á monographia sob o lema: «Bibitos»; resolvendo o Conselho fazer-lhe a concessão do premio correspondente—100 escudos,

se o seu auctor o quizer aceitar e consentir na publicação d'esse autographo.

Segundo nos consta as monographias apresentadas foram em numero de cinco, sendo algumas das que não foram premiadas bastante interessantes.

EDIFICAÇÃO D'UM HOTEL NO LUSO

O parecer apresentado pelo sr. Engenheiro Roldán y Pego, relativo ao projecto, elaborado pelo architecto sr. Raul Liño, do hotel que o sr. Alexandre d'Almeida, proprietario do Hotel Metropole, de Lisboa, deseja fazer construir no Luzo, foi aprovado pelo Conselho com elogiosas referencias; tendo sido resolvido conceder-se ao interessado todas as vantagens e isenções consignadas no Decreto de 28 de Novembro de 1916.

PROPAGANDA CINEMATOGRAFICA DE PORTUGAL

O vogal sr. Tavares de Mello, informou o Conselho de que assistiu, em Paris, á exhibição d'algumas fitas que ultimamente foram impressionadas no nosso Paiz pelo operador da Casa Gaumont, verificando que, na sua grande parte, apresentam nitidamente os nossos aspectos; o que constitue um dos melhores e mais efficazes meios de propaganda de Portugal.

PENINSULAR-HOTEL

ESTE hotel da rua do Bonjardim, do Porto, está procedendo á construção da sua nova fachada, para alinhar com o endireitamento da mesma rua.

E' toda em granito, e a forma moderna que vae ter, tem os foros de grandiosa.

O Peninsular, é um hotel modernamente construido e agora com a sua fachada elegante fica na escala dos edificios mais modernos do Porto.

Paços do concelho de Trancoso

O novo edificio dos paços do concelho desta importante vila beira, e de que já demos o projecto, acha-se em via de conclusão, pois está já prompto de serviço de pedreiro, e os trabalhos de carpinteiro e estucador vão já adiantados.

No proximo verão, devem ali ser instalados todos os serviços municipaes.

Um novo hotel nas Caldas de Manteigas

A empresa destas Caldas está construindo proximo ao estabelecimento balnear um novo hotel, que será dotado com todo o conforto moderno.

O novo hotel deve estar a funcionar na proxima epoca balnear.

Aos nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandámos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da «Revista de Turismo».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1\$10 (mil e cem reis); fornecendo-se só as capas por 80 centavos (800 reis).

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliotecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñar, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.